



## SESSÃO - 02

### 19. RE-SIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS TERÊNA DE EKERUÁ: UMA ABORDAGEM DA PRODUÇÃO CULTURAL SUBALTERNA

*Sérgio Ricardo Losnak\**

#### **Resumo**

Este artigo traça a trajetória de índios Terêna, da Aldeia de Ekeruá, localizada na Reserva Indígena de Araribá, Centro Oeste Paulista. O contato com seus parentes e com os não indígenas são vistos como processos de assimilação, aculturação, re-significação e desterritorialização dos quais foram sujeitos durante estes últimos dois séculos. No entanto é no contexto da nova ordem globalizante que este povo dá sinais de reconstrução de sua identidade por meio da valorização de seus saberes e fazeres tradicionais, que muitas vezes são transformados em produtos. A pesquisa de campo proporcionou a identificação da diferença e da desigualdade dos quais estes cidadãos brasileiros estão sujeitos e mostrou indicativos de empoderamento proporcionados por sua produção cultural rica e diversa.

**Palavras-chave:** Povo Terêna; re-significação da Identidade; produção cultural subalterna

#### **Resumen**

El objetivo de este trabajo ha sido identificar la trayectoria de Indios Terena, en la Vivienda de Ekeruá, ubicada en la Reserva Indígena de Araribá, en la parte centro-occidental del Estado de São Paulo. Los contactos con sus parientes y no indígenas, son evidenciados como procesos de asimilación, aculturación, re-significación y desplazamiento de los cuales han sido expuestos durante los últimos dos siglos. Es en este contexto de la nueva orden globalizante, que este pueblo está mostrando señales de la reconstrucción de su identidad, del reconocimiento de sus conocimientos y prácticas tradicionales que son transformados en producto. La investigación de campo proporcionan la identificación de diferencias y desigualdades a las que están sujetas a los ciudadanos brasileños y mostró indicios de empoderamiento proporcionados por su producción cultural rica y diversa.

**Palavras-chave:** Pueblo Terêna; re-significación de identidad; producción cultural subalterna

\* Especialista e Gestão de Projetos Culturais e Eventos pela Universidade de São Paulo. Possui graduação em Geografia pela Universidade do Sagrado Coração (1995). Atualmente é presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru e Agente Cultural do Museu Histórico Municipal de Bauru. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: política pública para cultura, gestão, produção, patrimônio cultural e Identidade Terêna.



### *Introdução*

A contemporaneidade é marcada, sobretudo pelas transformações provocadas por sucessivas ondas globais que atuam principalmente por meio dos fenômenos políticos, econômicos, culturais, sociais e ambientais, reconfigurando constantemente diferentes espaços, tempos, indivíduos e sociedades.

No contexto mais recente da globalização, a desigualdade se estabelece como característica marcante, e de forma gradual se coloca como consequência aceitável na lógica instituída pelo capital, dissimulando a indignação.

A cultura, ganha novas formas e significados, se dinamiza nas redefinições e na criação das identidades múltiplas dos indivíduos, diante das influências exercidas pelos diferentes agentes como, os “mídias”, mercado cultural, novas tecnologias e as políticas públicas e privadas.

A cultura se desterritorializa por consequência de sua hibridação. É mediante as misturas e mestiçagens, associadas às possibilidades proporcionadas pelas novas tecnologias que de forma mais intensa e rápida, estimulam as diferentes relações entre os indivíduos.

Assim, a cultura pode ser com-

preendida como agente de aproximação e reconhecimento tolerante das diferenças. Mesmo desterritorializada, a cultura constrói a possibilidade de valorização do próprio indivíduo e de seu grupo, seja pela sua história, tradição, modo de criar e fazer, ou pelo entendimento de sua própria diferença para com os demais, além da marca trazida pela sua singularidade e identidade.

É dentro da perspectiva da economia desigual e da cultura da diferença que este artigo se propõe identificar a produção cultural da etnia indígena Terêna na atualidade. Subsidiado por depoimentos este artigo, tem o propósito de mostrar a produção cultural do artesanato, dos jogos cênicos, da língua materna e da memória oral dos Terêna, que se encontram aldeados em Ekeruá, área da Reserva Indígena de Araribá, localizada no município de Avaí, Centro Oeste Paulista.

### *O Povo Terêna*

Tratar da produção cultural contemporânea Terêna passa pelo reconhecimento dos intensos e constantes processos de aculturação, assimilação e deslocamento a que foram submetidos, principalmente pela interferência dos povos hegemônicos do ocidente, como também, mais recentemente pela última onda globalizante.





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

Os Terêna são originários do Chaco, região onde uma grande diversidade de grupos e subgrupos étnicos indígenas se relacionavam por meio de processos de dominação e de interdependência. As análises e referências preconizadas por autores clássicos e por cronistas em seus trabalhos de campo, de uma forma geral, indicam que não existe uma unanimidade quanto à divisão e classificação dos diferentes grupos, mas é consenso sobre a teoria da existência de um grande grupo chamado Aruák, que se divide em subgrupos bem diferentes por suas práticas culturais e pelo desenvolvimento de suas técnicas.

As “nações” indígenas eram muito distintas cultural e “lingüisticamente”. Dentre as mais importantes destacavam-se: a Chiriguana (Guarani), com população composta de 40 a 50 mil pessoas; Mbayá, com 3 a 4 mil, dividida em sete ou nove tribos, muito temida pelos Espanhóis e por outros grupos tribais; Guaná, a mais pacífica e dócil, com cerca de 30 mil índios, dividida em sete grupos: Layana ou Chaná; Terêna ou Etekena, com dois “pueblos”; Echoaldi; Neguecagatemi; Equinikinao, também com dois “pueblos”. As demais eram: Mataguaya, Vilela, Lule, Macobi, Abipon, Lengua, Payaguá, Zamuca e Yacure.

Terêna são os últimos remanescentes dos Guanás e tem o Aruák como língua materna, pacíficos e exímios agri-

cultores, utilizavam o sistema de roças que permitia obtenção de alimentos durante o ano todo. As relações intertribais não se restringiam somente por meio dos conflitos e dominação, mas também por alianças estabelecidas por meio do matrimônio.

Esta complexa relação de interdependência entre os grupos pode ser caracterizada mais como uma união para suplantar as deficiências particulares encontradas pelas etnias, do que uma submissão simples imposta pelo domínio da força, da técnica ou mesmo da cultura.

Simbiótica são as assimilações dos saberes e fazeres culturais dos Terêna com seus parentes indígenas. Posteriormente estas relações se expandiram para com os colonizadores e mais recentemente com as sociedades não indígenas das cidades e do campo.

Pois essa estreita interação - simbiótica - até certo ponto pode ser generalizada para o universo Guaná, caracterizando todo um período que as relações, entre as partes representativas de ambos os grupos, assumiram formas sistemáticas e contínuas, e que resultaram num processo de aculturação inter-tribal, sem cuja consideração se torna impossível compreender a cultura Terêna (Guaná) tradicional.

Com o processo de genocídio im-





plantado na região pelos colonizadores europeus, os nativos da região do Chaco passaram por volta dos séculos XVIII e XIX a intensificar seus deslocamentos. Os Terêna seguiram no sentido sul pelo Rio Paraguai em direção ao atual Estado do Mato Grosso do Sul. Segundo Castelnau (apud CARVALHO, 1979) a migração maciça iniciou-se por volta de 1845.

A ocupação das terras brasileiras pelos Guanás não foi nada tranqüila. Três importantes movimentos que os colocaram em completa situação de exclusão e desterritorialização. O primeiro se refere à expansão pastoril no centro oeste, sudeste e sul do país. O segundo se deu em virtude de um complexo fluxo humano gerado pela Guerra do Paraguai. Neste momento, os Terêna se aliaram ao Império pela promessa de serem reconhecidos como povo brasileiro e de terem seus territórios definidos legalmente. O terceiro movimento advém da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que trazia como símbolo o “eldorado” - caminho para o oeste, uma robusta rede de comunicação, partindo de Bauru - SP, com interligação ao porto de Santos - SP, chegando até Corumbá - MS Tratava-se de um projeto estratégico Latino Americano, visando à interligação do Oceano Atlântico com o Oceano Pacífico.

Os constantes deslocamentos dos Terêna em terras brasileiras impossibilitaram a suas práticas tradicionais de

instituição de lugares.

A instituição de território, espaço e lugares devem-se a uma relação íntima, um elo estreito, assimilado pelo grupo diante do seu significado. Não há sociedade sem espaço para lhe servir suporte, ou seja, todo indivíduo necessita apropriar-se do espaço, de alguma forma demarcá-lo e denominá-lo, ter uma referência espacial para cultuar seus mortos, localizar-se, para que assim possa construir sua identidade cultural.

A falta de referência espacial para a construção de uma sociedade remodelada de acordo com a sua nova realidade, fez com que os Terêna se integrassem aos meios culturais não indígenas. Sua desterritorialização proporcionou novas condições de organização social, como a de não aldeados, que passaram a viver nas periferias das cidades, a de colonos que se dedicavam ao trabalho nas fazendas e mais tarde a situação de tutelados por parte do Estado.

Com a criação SPI - Serviço de Proteção Indígena, em 1910, a política indigenista introduzida pelo Marechal Cândido Rondon se efetivou por meio das Reservas Indígenas, território onde eram confinados e controlados como patrimônio federal, surgindo um novo modelo de organização sociocultural, passando de organização social associativa para o modelo de núcleo familiar. Criada





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

em 1913, a Reserva Indígena de Araribá somente recebeu os primeiros Terêna em 1932, estes foram trazidos do Mato Grosso do Sul para o repovoamento da Reserva, logo após a gripe espanhola ter quase dizimado a população Guarani e Caingangue que ali viviam.

No Araribá os Terêna começaram a chegar em grupos familiares, a partir de 1932”. Primeiramente ai aportaram 21 indivíduos, entre adultos e menores, sendo 11 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Foram trazidos para dedicarem-se ao plantio e colheita do café, atividades que os Guarani não haviam mostrado aptidão ou interesse. Tempo depois, 12 deles, 6 de cada sexo regressaram ao Mato Grosso. Posteriormente houve novas chegadas [...]

Atualmente, a Reserva de Araribá esta dividida em quatro aldeias, com sistema de governança específica para cada uma, são 144 residências e 557 indígenas: aldeia Ekeruá 146 moradores; aldeia Nimuendajú 74; Kopenoty 200 e Tereguá 107 moradores.

### *Aldeia Ekeruá*

Ekeruá criada recentemente, em 2002, após uma divisão política sob a questão da terra e de gestão indígena. Basicamente é constituída por índios Terêna, mas apresenta características exogâmicas, sendo possível constatar a

existência de matrimônios entre índios Terêna e Guarani, atualmente conta com 146 moradores fixos, sendo 78 do sexo masculino e 68 do sexo feminino com uma população altamente jovem.

O contingente humano da aldeia esta dividido em 37 residências construídas em alvenaria no formato de um grande círculo. O espaço central da aldeia é destinado as ações coletivas, composto por um campo de futebol. De um lado do campo existe uma estrutura coberta para realização de atividades diversas, sala de aula, capela com características católica, banheiros, rancho circular de eucalipto e sapé, um pequeno depósito geral construído em madeira e uma escola que encontra-se em estágio final de construção. Do outro lado uma igreja da Assembléia de Deus, construída em alvenaria bem maior que a citada.

### *A reconstrução da identidade pela cultura*

São poucos os registros encontrados que tratam da produção cultural mais tradicional dos Terêna, mas o que se sabe é que esta cumpria as necessidades relacionadas ao cotidiano, aos rituais, aos cerimoniais e a decoração diversa. Com o processo de aculturação intenso a que foram submetidos, o criar e o fazer absorveram novos valores, significados e sentidos através do tempo, alterando-se de acordo com os espaços que cada gru-





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

po instituiu como lugar e com as relações estabelecidas com grupos humanos diferentes.

A dualidade provocada pela motivação da produção cultural tradicional e da assimilada, traz ao grupo um conflito identitário, a princípio criou-se um distanciamento do tradicional, provocando uma ausência de sentido do fazer cultural, posteriormente com a necessidade de geração de renda e de auto-afirmação, a produção cultural adquiriu novas perspectivas. A Dança da Chuva praticada pelos Terêna de Ekeruá na atualidade é um bom exemplo, pois seu objetivo é exclusivamente estabelecer uma comunicação direta com o público por meio do espetáculo. A comunicação com o divino, em que seus antepassados praticavam por meio dessa dança deixou de existir. Para pedir que a chuva chegue, e proporcione fartura na roça, foram incorporadas novas formas de comunicação com o divino, agora proporcionadas pelo cristianismo.

A necessidade do desenvolvimento de técnicas para manutenção da vida, diante do meio, fez com que os indígenas desenvolvessem utensílios, adornos e ferramentas, com objetivos muito bem definidos, hoje estes mesmos objetos, são classificados como artesanato com características utilitárias e de adorno. Já as danças, jogos e os mitos estão relacionados com o divino, que simbolicamente

dão novos sentidos à vida.

Para os Indígenas, a vida para ser mantida e ter sentido exige determinada relação com o divino, requer o exercício de reconhecer-se e estabelecer uma relação próxima entre o grupo, instituindo um sistema de comunicação por meio de diferentes símbolos e códigos, que se diferenciam de acordo com as características de cada etnia e com o seu processo histórico. Esta relação de presença intensa do divino na produção cultural os aproxima e os fazem sentirem aceitos e protegidos pelas divindades no mundo concreto e assim seguirem seu caminhar evolutivo.

É pela perspectiva de produção cultural que se pode verificar que este grupo Terêna adquire formas de reconstrução permanente de sua identidade. O processo de colonização e controle psicológico visa exterminar a identidade originária e substituí-la por outra, com os mesmos significados do dominador. Assim a produção cultural, como o artesanato, a língua e as manifestações cênicas são os signos que congregam os aldeados, que os remete aos significados de suas origens e proporcionam à possibilidade de construção de projetos de resistência coletiva a subjugação e da imposição assimilativa de uma identidade exógena.

Na construção da identidade cultural, cristaliza-se a capacidade de um





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

povo de determinar seu próprio destino, seu porvir individual, de classe ou nação. Nisso consiste a identidade. A identidade de um sujeito individual ou coletivo é o compasso, a bússola que o orienta através da história. É por isso que qualquer projeto de dominação utiliza-se do controle psicológico do submetido. A destruição da identidade é o primeiro passo em qualquer tentativa de dominação: a colonização da personalidade.

### *Produção cultural em Ekeruá*

A produção cultural de Ekeruá se mostra espontânea e lentamente renasce como forma de resistência, emergindo de dentro para fora de seu grupo, seja pelas ações conscientes das lideranças, pela implantação de uma política emancipadora ou pelos professores indígenas que estimulam a consciência diante das diferenças étnicas ou pela manutenção da cultura tradicional.

A língua materna, o artesanato, as danças, os jogos cênicos e a memória oral são as manifestações culturais que mais se revelam na comunidade de Ekeruá, sendo que a comunicação através da linguagem oral é a que mais os aproxima de sua cultura originária. Aquelas que geram produtos, são formas de geração de renda, e as demais contribuem para divulgação das características étnicas em festividades na aldeia, eventos e feiras em cidades próximas. Estas produções pro-

vocam uma das poucas oportunidades de interação e trocas com a população urbana local. Para os Terêna, são momentos de trabalho coletivo onde se efetivam as práticas culturais, exercendo o planejamento, execução, difusão e relações de comércio. Na dança a estrutura de trabalho familiar é trocada pela coletiva, remetendo a origem mais tradicional de seus antepassados.

Parte das características e técnicas de produção dos Terêna conseguiram se manter durante seu diverso processo histórico, sua transmissão foi sendo viabilizada de geração em geração pela memória oral e pelo exercício da prática.

Duas das mais idosas índias de Ekeruá, as irmãs Ingrácia e Joana, matriarcas do fazer da cerâmica na aldeia, relatam o processo de transmissão da técnica e indicam que quando este processo se deu a atividade já objetivava o mercado.

“Aprendemos a fazer a cerâmica com a finada minha mãe, só nos duas, ia crescendo e ia chamando a gente, via ela fazendo, nos duas acompanha, a maioria trabalha na aldeia, o trabalho de todo mundo era fazer cerâmica, cada uma fazia em sua casa, as mulheres da comunidade mulheres fazia, não sei se fazem ainda, todas elas trabalhavam e moravam na aldeia de Cachoeirinha MS. Ai senta no chão pega o barro e vai fazendo e não brinca, minha mãe não deixava brincar, não brinca com a mãe, não podia brincar, respeita a mãe quando a mãe chama tem de senta e faze. Senta faz um pouco um dia e continua no outro.”





(Ingrácia entrevista realizada em 05/07/09 na aldeia de Ekeruá)

A Cerâmica é o artesanato que mais identifica a cultura Terêna, por sua coloração avermelhada e pela pintura monocromática. Seus produtos basicamente se dualizam em utensílios domésticos, como vasos, cuias, panelas, moringas e por objetos de decoração, principalmente animais e aves. É uma atividade praticada exclusivamente pelas mulheres diferentemente de outros tipos de artesanato, que se constata a presença de homens.

Os demais tipos de artesanato são produzidos por grupos familiares, é comum todos os membros de uma mesma família se dedicarem a este trabalho, como é o caso da família de dona Elisângela.

“Eu acabei ensinando a todo mundo daqui de casa, porque estas coisas a gente vai passando para a família, meu pai ensinou nós, eu via ele fazendo, aí eu casei com Terêna, os Terêna mechem mais com cerâmica, os colares de semente eles não meche, mais como ele comigo foi aprendendo eu fui passando, aprendeu trançar, até aprendeu o trançado de guimbe, e com isso meus filhos também aprendendo e todos já sabem da família.” (Elisângela, entrevista realizada em 05/07/09 na aldeia de Ekeruá)

A produção dos demais tipos de artesanato pode ser dividida em adornos como colar, brincos, braceletes, cintos entre outros, como também diversos instrumentos, alguns musicais como flauta de bambu e chocalhos e outros

de caça, como arco e flecha, lanças e zarabatana. Muitos dos adornos são característicos da cultura indígena, outros mais ocidentalizados. Toda a produção é praticamente feita manualmente sem o auxílio de ferramentas ou máquinas. Quase que na totalidade a matéria prima utilizada é aquela encontrada na própria aldeia, cipó, bambu, penas e sementes de diferentes espécies, assim a diversidade da produção é definida pela obtenção de matéria prima.

“Meu pai fala que os índios Guarani viam os desenhos das cobras entendeu, vê que é quase igual, via o desenho que tinha na cobra e fazia igual, vê esse aqui também tem o desenho da cobra, essa e de outra cobra, mais tem da jibóia que é assim, tipo de balãozinho, antigamente os índios fazia igual das cobras, meu pai fez e a gente vai passando pros outros. A gente acaba tirando as idéias da própria natureza, dos animais.” (Elisângela, entrevista realizada em 05/07/09 na aldeia de Ekeruá)

As atividades cênicas praticadas em Ekeruá envolvem toda a comunidade, de crianças a idosos, de forma coletiva e divertida se pintam, utilizam adornos e vestimentas semelhantes as usadas por seus antepassados. A dança do Bate-Pau é estritamente masculina, em fila dupla os homens se confrontam simbolizando um momento de guerra entre duas tribos inimigas, segundo explicações do Cacique Jafone.

A Dança da Chuva é praticada somente por mulheres e esta relaciona-







## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

da à fertilidade. A encenação de contos ligados à mitologia Terêna é algo que foi apropriado dos contadores de histórias do passado e a transmissão se deu através da oralidade. Segundo David os pajés Terêna tinham o papel de manter viva a imaginação e a mitologia, reuniam as crianças nas noites de luar no centro da aldeia, contando e representando diversas histórias. Hoje esta atividade não é mais desenvolvida pelo pajé, os professores indígenas assumiram este papel e deram um caráter mais teatralizado para a transmissão de seus mitos e das histórias de seu povo.

A língua materna dos Terêna o Aruák, com o passar do tempo se tornou uma língua secundária praticada em Ekeruá, utilizada pelos índios mais velhos principalmente em ambientes mais reservados, como dentro de casa em pequenos grupos. O português então se tornou a língua principal, era a única ensinada na escola local e utilizada nas diferentes formas de comunicação, o que acabou levando os Terêna a um distanciamento da língua materna, conforme relata a Secretária de Educação de Avaí, Ondina Zapater, “as crianças não falavam mais a língua materna”. Foi no ano de 2001, que a Rede Municipal de Ensino de Avaí introduziu nas escolas da Reserva, a figura do indígena como auxiliar do professor titular, trabalhavam juntos com o professor e tinham o objetivo de introduzir o ensino da língua materna e resgatar sua

linguagem. Quando da estadualização das escolas indígenas em 2003 pelo Governo do Estado de São Paulo, a Secretaria de Educação, em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, iniciou um processo de formação de professores indígenas da própria Reserva. Atualmente existem somente professores indígenas nas escolas da Reserva, o que provocou a efetivação pedagógica do ensino bilíngüe.

Com a formação dos professores indígenas os alunos aprendem à língua materna e o português. Essa metodologia de ensino bilíngüe tem causado certo empoderamento aos jovens diante dos não índios por dominarem uma segunda língua, estes se sentem diferentes pela capacidade da comunicação e pela ligação mais íntima com sua identidade cultural. É possível verificar este fortalecimento na aldeia quando se vê crianças conversando e brincando na língua materna e excluindo os não indígenas de um contexto particular. Professor David, esclarece que a escola local atende as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A execução do processo de pesquisa na aldeia acabou proporcionando uma relativa intimidade com diversos moradores, principalmente nas conversas informais sem o constrangedor “gravador”, aí é que foi possível constatar a existência determinada consciência da situação de submissão social do qual o





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

grupo esta sujeito. Constatou-se principalmente entre os índios mais politizados o entendimento de que abrir a aldeia para que a sociedade conheça suas diferenças culturais será uma forma de auto-afirmação de sua identidade e de uma grande possibilidade de se construir novas perspectivas de trabalho por meio do turismo, tendo como principal atrativo suas manifestações culturais.

A comunidade de Ekeruá vem buscando novas perspectivas de vida por meio de suas diferenças, suas características originárias tem provocado um determinado empoderamento cultural. Essa recente situação é possível de ser identificada quando de sua participação do projeto “Caminhos Turísticos do Centro Oeste Paulista”, que congrega dez municípios da região na viabilização das potencialidades locais, buscando o fomento do turismo.

Diante desta nova perspectiva, a produção cultural da aldeia começa a ser vista pelos moradores como algo que pode proporcionar novas possibilidades. O estímulo a se expressar artisticamente, tendo como referência suas raízes, ganha maior dimensão e aceitação principalmente dos mais jovens, permitindo a auto-afirmação de sua cultura e diminuindo os conflitos de identidade com a sociedade não indígena.

### *Considerações finais*

Isolados da maior concentração de seu grupo étnico no Brasil e distantes de suas terras de origem, os Terêna de Ekeruá se tornaram um testemunho da sobrevivência e resistência no interior do Estado de São Paulo. O processo de interferência inter-ética se intensificou após o contato com o branco, mas verifica-se que as experiências de miscigenação e assimilação da cultura já se mostravam presentes com outras etnias indígenas, sendo bem aceitas pelos diferentes grupos Terêna, porém essas influências eram menos impactantes do que aquelas causadas pelas sociedades não indígenas.

As diferentes atividades coletivas introduzidas no cotidiano da nova aldeia, em virtude da condução da gestão política da governança local, têm estimulado o entendimento dos moradores a respeito de suas diferenças étnicas e de como utilizar esta particularidade como forma de potencializar as ações produtivas do grupo e dos indivíduos. A produção cultural de Ekeruá, fomentada de forma crescente tem provocado um olhar mais particular de si mesmo, orientados pelos professores indígenas da escola local, estão canalizando ações na viabilização de um Centro de Cultura Indígena, na própria aldeia, que leva o nome de Ekipaê.

Na língua Terêna, Ekipaê significa Ema, ave com grande presença em sua





## Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

mitologia. O Centro de Cultura Ekipaê foi idealizado pela própria comunidade indígena, e se tornará um espaço de formação do grupo local e difusão cultural, por meio da vivência, do fazer e do criar tradicional da cultura Terêna. Este complexo irá ser formado por estruturas físicas típicas, como a casa da reza, da farinha, moradia, trilhas na mata, ou seja, uma representação originária do modo de vida tradicional dos Terêna, algo que atualmente não pode ser encontrado na aldeia. Assim tende a se transformar em um local receptivo de turistas, criando um fluxo de visitas para divulgação de sua cultura e do incremento do comércio de sua produção.

Atualmente, quando visitantes adentram a aldeia, principalmente jovens estudantes, tendem a reconhecer uma realidade indígena muito próxima a da deles, pois é comum ver carros, casas de alvenaria, campo de futebol, indivíduos com roupas de marcas conhecidas, ou seja, a idéia simbólica que se tem dos indígenas é muito diferente daquela encontrada na aldeia.

Neste contexto de reconstrução de identidade, a proposta local de criação do Ekipaê, deve ser colocada em profunda reflexão diante das perspectivas futuras da cultura local, surgindo a necessidade de estreitamento das relações com as produções originárias, das possibilidades de viabilização de novos

mecanismos de pesquisa que estabeleça relação mais direta com o imaginário tradicional, de forma a entender as assimilações que podem interferir negativamente em sua produção cultural atual. Muito ainda resta a conhecer sobre o grupo étnico Terêna, mas o que se constata nesta aproximação proporcionada por esta pesquisa é a grande relevância pela busca constante da integridade e da conquista de um lugar ao sol desta sociedade frágil e ao mesmo tempo poderosa por meio de suas particularidades culturais.



### *Referências bibliográficas*

- BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. Pólo Base Bauru, 2009. (Documento expedido pela Fundação de Saúde Local). Obra não publicada.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- CARVALHO, Edgard de Assis. *As alternativas dos vencidos: índios Terêna no Estado de São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.
- DINIZ, Edson Soares. *Dependência e destino: os Guarani e os Terêna do Aaribá*. Tese de Curso de Livre Docência,





na disciplina de Antropologia. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, 1976.

FERREIRA, Maria Nazareth. Globalização e identidade cultural na América Latina. 2. ed. São Paulo: Centro de Estudos Latino-americano sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Urbanização e tribalismo: a integração dos índios Terêna numa sociedade de classe. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEMERARO, Giovanni. Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis. Aparecida: Idéias e Letras, 2006.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

#### *Bibliografia consultada*

AZEVEDO, Fernando. Um trem corre para o oeste. São Paulo: Martins, 1950.

CANCLINI, Nestor Garcia. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FERREIRA, Maria Nazareth. Cultura subalterna e neoliberalismo: A encruzilhada da América Latina. São Paulo: Centro de Estudos Latino-americano sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Do índio ao Bugre: o processo de assimilação dos Terêna. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira & identidade nacional. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

